

Os Zapatistas e o Estado: um diálogo truncado e a busca por uma educação autônoma

Ms. Clécio Ferreira Mendes

GT 1 – Trabalhadores e Movimentos Sociais

RESUMO

Este artigo analisa as relações estabelecidas entre o Estado Mexicano e o Exército Zapatista de Libertação Nacional, os Zapatistas, na década de 90. Tendo a educação e a imprensa como categorias de análise que explicitam o diálogo truncado entre ambos. A relação opressora imposta pelo Estado Mexicano desde a década de noventa tem como orientação o combate as reivindicações históricas dos Zapatistas, que vão ao sentido de uma apropriação coletiva da terra assim como são coletivas as decisões relativas à produção e à distribuição e podemos considerar ainda que os princípios educacionais refletem a ideologia deste movimento, que expõem, em suas lutas, as contradições do sistema capitalista.

Introdução

Destacamos a relação dos Zapatistas com dois importantes atores políticos: o Estado e Imprensa.

Para compreender como se organiza a luta dos zapatistas se faz necessário observar a diferença existente entre o Exército e a Frente. O Subcomandante Marcos, numa entrevista à *Revista Atenção* de 1996, aponta as possibilidades do Exército e qual o papel da Frente. Nessa entrevista, revela que o Exército zapatista defende o diálogo com o governo para encaminhar suas reivindicações, mas aponta que o governo não adota essa via, quando a pressão militar aumenta. Mesmo com essa pressão, os zapatistas, tanto no Exército como na Frente, organizada em praticamente todos os estados mexicanos, não objetivam o poder e não almejam ocupar o Estado.

“O EZLN se dissolveria para atuar como Frente Zapatista?

A transformação do EZLN segue dois caminhos. No primeiro está a construção da Frente Zapatista, alternativa não só das comunidades indígenas, mas dos simpatizantes das cidades. É uma estrutura que já está organizada em 31 dos 32 estados mexicanos. O aspecto principal que a FZ herda do EZLN é que não se deve lutar pelo poder, nem aspirar a cargos públicos. O outro caminho é o que defendemos no diálogo com o governo. Que os zapatistas possam optar pela via política para buscar suas reivindicações. Ai é mais complicado, pois nos deparamos com o duplo discurso do governo, que reitera o compromisso com a saída pacífica e aumenta a pressão militar, pondo em risco nosso processo de conversão em força política”. (Revista Atenção, 1996, p. 43)

Isso os diferencia historicamente de outros movimentos, partidos de esquerda e sindicatos, que tiveram como bandeiras de luta, a participação no Estado, pela via democrática, como no Brasil, pode ser visto pelo histórico do Partido dos Trabalhadores.

A Frente Zapatista envolve as comunidades indígenas e todos aqueles que apóiam e lutam com o movimento, mas de forma diferenciada do Exército. Essa atuação pode ser compreendida quando nos deparamos com a organização dessas comunidades, como elas passaram a viver após o primeiro de janeiro de 1994, além das atividades realizadas por organizações que atuam junto às comunidades.

É importante lembrar que o governo também se coloca contra o conflito, mas essa fala pode ser facilmente contestada quando se verifica o número de soldados enviados à Selva La Candona, além dos recursos financeiros investidos no combate. Outro ponto relevante é o cumprimento ou não dos acordos, como o de San Andrés¹, por parte do governo mexicano. Portanto é fundamental analisar a relação do Estado com o movimento, não somente pelos discursos oficiais, mas também através de dados e informações que apontem as realizações e as políticas efetivadas pelo Estado.

O presidente mexicano Salinas de Gortari em primeiro de janeiro de 1994, foi surpreendido pelo levante do movimento zapatista, como relata a Revista Atenção de 1996:

“Os zapatistas pedem para os indígenas um programa mínimo que inclui “trabalho, terra, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz”. A reação do poder foi de surpresa. O então presidente, que passava o fim do ano com a família, recebeu a notícia de um general: “Senhor Presidente, forças armadas que se autodenominam Exército Zapatista de Libertação Nacional acabaram de tomar San Cristóbal de las Casas”. “A informação é segura (interrogação)”, perguntou Salinas. “Absolutamente”, respondeu o militar. Dias depois, a versão oficial era que vivia-se uma revolta orquestrada por estrangeiros. Com o crescimento dos combates, o governo propôs aos rebeldes deposição de armas e perdão. Mas, com a pressão da opinião pública mexicana, foi Salinas de Gortari que declarou um cessar-fogo unilateral, no dia 12 de janeiro. No dia 16, nova mensagem presidencial. Basicamente, anuncia anistia geral aos rebeldes zapatistas. A mensagem é lida diretamente por Salinas de Gortari, perante o retrato do ex-presidente Venustiano Carranza – por ironia da história, o homem que mandou matar, em 1919, o lendário líder rebelde Emiliano Zapata” (Ibid, p.34-35)

Além da surpresa, a desqualificação do movimento e a reação armada do governo, foram encaminhadas como a forma de relacionamento inicial do governo mexicano com o movimento. Essa relação mudou “com a pressão da opinião pública mexicana”, que obrigou o governo a recuar e dar um cessar-fogo, anistiando os rebeldes e começando

¹ San Andrés refere-se a um acordo realizado por integrantes das comissões do EZLN e o governo.

um processo de negociações. Como já discutimos anteriormente o EZLN, se propõe a alcançar seus objetivos pela negociação pacífica, o que ocorre algumas semanas após o início do combate em Chiapas,

“No dia 17 de janeiro, os zapatistas aceitaram publicamente participar de negociações de paz. Mas recusam o perdão, pela voz do subcomandante Marcos. “De que nos vão perdoar (interrogação) De não queremos morrer de fome, de termos pego em armas quando todas as outras vias foram fechadas (interrogação)” Um mês depois, os zapatistas dão mais um passo para o diálogo e libertam o ex-governador da Chiapas, general Absalon Castellanos, depois de 45 dias de cativo. A cerimônia da libertação foi acompanhada por jornalistas do mundo todo. No dia dois de março, na catedral de San Cristóbal de las Casas, concluiu-se a primeira fase do diálogo pela paz. Na mesa ficam 34 reivindicações do comitê Clandestino Revolucionário Indígena. O governo mexicano, representado pelo ex-prefeito da Cidade do México, aceitou considerar as propostas”. (Ibid, p.35)

É imprescindível perceber que os zapatistas aceitam o cessar-fogo, mas não o perdão, por acreditarem que suas reivindicações são justas, portanto a luta continuaria. Oficialmente essas negociações são encaminhadas por representantes do governo e pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena. A existência desse comitê possibilita a compreensão da noção de que o movimento é organizado e, principalmente demonstra essência da luta. Este comitê conseguiu congrega os indígenas, que não estão localizados somente no estado de Chiapas, como lembra Alejandro Balesteos Buenrostro², mas em todo o México.

Isso não é reconhecido pelo governo nas negociações e o Subcomandante Marcos analisa essa situação apontando quais seriam os motivos reais desse comportamento do governo:

“Insistimos que outras forças participem do diálogo. Mas para o governo isso não interessa. De acordo com sua lógica, seria muito caro comprar todo o país. É mais barato tentar comprar os líderes zapatistas. Para o governo, o diálogo é a possibilidade de mostrar ao mundo que busca solução pacífica negociando com um grupo armado. Ao mesmo tempo, aumentam a pressão militar sobre as comunidades indígenas”.(Ibid,p. 36)

Em 1996 as negociações caminhavam mesmo com as pressões militares citadas pelo Subcomandante Marcos, que explica como isso estava sendo encaminhado:

² Conforme palestra proferida na “Semana de 20 anos do MST e do EZLN”, organizada pela Universidade de São Paulo, 2004.

“O que há de concreto nas negociações de paz entre zapatistas e o governo?”

Há uma série de acordos em discussão, em quatro mesas principais e duas especiais. As principais são Direitos e Cultura Indígenas, Democracia e Justiça, Bem-estar e Desenvolvimento e Mulheres. As especiais são sobre Reconciliação em Chiapas e Fim das Hostilidades. Até agora firmamos acordo sobre Direitos e Cultura Indígenas. No momento, estamos “atolados” na discussão sobre Democracia e Justiça. A delegação do governo limita-se a apresentar uma proposta que é um conjunto de generalidades. Seu documento diz: “Haverá democracia no México”. É vago e serve apenas para que a sociedade mexicana e internacional se tranquilizem. Querem um acordo que não implique modificar a estrutura do Estado. Nosso objetivo é “cidadanizar” o processo político. Democracia não é só uma questão eleitoral, abarca outros aspectos de um país.”(Ibid, p. 42)

Crítica ao tradicional processo eleitoral

Na entrevista à Revista Atenção, o Subcomandante Marcos demonstra as diferenças de objetividade entre o Estado e os Zapatistas, como no trecho em que aponta as propostas do governo como generalidades e vagas. Depreende-se deste documento que as propostas do governo objetivam um acordo sem a alteração da estrutura do Estado, o que difere largamente dos zapatistas que objetivam ampliar a participação direta da sociedade no processo político.

Esse objetivo pode ser mais bem compreendido nas críticas feitas pelos Zapatistas ao processo eleitoral:

“encuentra una enorme pancarta que cubre todo un poste con la cara de uno de nuestro “candi...dotes,” con su hermoso rostro retratado en él, con una bella sonrisa que en verdad se burla de la ciudadanía en un intento desesperado por agradar

Y si en verdad, esta forma de manifestación, es más que una conspiración es una forma de rehabilitar la educación federal, tan desacreditada por todos nosotros, y es que este es el fracaso de la escuela mexicana. De todo esto yo me pregunto lo siguiente ¿si todo el dinero que gasta, cuando menos uno de estos “candi...dotes” lo designaran a la educación pública, entonces seríamos ricos, ya no tendríamos que andar ocupando los plumones para pintaron hasta el límite, ni tendríamos que estar, soportando sus malos programas educativos, pues habría recursos suficientes para tener escuelas eficientes, ya que en este país si en verdad lo que sobran son escuelas, pero todas ellas, escuelas a medias, es decir “lugares nefastos para los niños” en donde lo que a algunos les sobra a otras les falta, mientras tanto seguiré cada vez que salga de trabajar, mirando la odiosa cara

de felicidad de este “candi..dote” que me mira con sus ojos de hule, como si todo en nuestro país fuera maravilloso y estuviéramos en el primer lugar de calidad educativa.

Y es que en verdad, estas cuestiones de despilfarro electoral, son para dar risa, o para darles un tiro en el cul....tivo de este tipo de ideologías absurdas, y mientras nuestros candidatos siguen dando “dinero de su campaña para sanar a cuando menos una persona con cáncer” miles de estudiantes y jóvenes de nuestro país se encuentran en la más...” (FZLN, 1998)

Zapatismo, Estado e educação: oposições ideológicas

A crítica ao processo eleitoral se relaciona a análise da educação, principalmente no que se refere aos programas educacionais e a estrutura das escolas. Essa análise é fundamental para o entendimento das propostas dos projetos educacionais zapatistas. Esses projetos partem das necessidades das comunidades em construir uma proposta educacional de qualidade que atenda a realidade vivida por elas em Chiapas.

A construção de uma nova proposta educacional, também se pautou na crítica à desacreditada educação federal e no fracasso da escola mexicana. Nesta declaração a principal crítica se fundamentou na falta de investimentos financeiros na educação, denunciando que se houvesse investimento, como no processo eleitoral (gastos das campanhas dos candidatos), haveria escolas eficientes.

A insatisfação com a educação mexicana, não se resume à falta de investimentos a isso, mas também ao programa educacional e a desigualdade das escolas. As escolas são vistas como *“lugares nefastos para los niños”* e enquanto isso os candidatos estão com cara de felicidade, como se estivesse num país *“maravilloso y estuviéramos en el primer lugar de calidad educativa”*. A crítica se aprofunda e os zapatistas apontam que,

“miles de estudiantes y jóvenes de nuestro país se encuentran en la más profunda de las soledades y la devastación, pues nuestra educación es deshumana, global, y teórica, ya que a los planes y los programas, lo que menos les interesan son los individuos a ellos, lo único que les importa es sacar mano de obra barata y calificada”.(FZLN, 2003^o)

As críticas à política oficial apontam a insatisfação não somente com a qualidade do ensino, mas também com relação a questões fundamentais na formação de jovens e crianças. Um exemplo disso é a cobrança por uma educação humanizada e não a proposta atual que é apontada como desumanizadora. Outro ponto questionado pelos zapatistas é a limitação da educação que só tem a função de formar mão-de-obra barata e qualificada.

Analisando essas críticas e a objetividade do movimento zapatista, contextualizamos o surgimento e o início do projeto Semillita del Sol,

“En Abril de 1995, en una comunidad de la zona selva tojolabal se comienzan los trabajos del proyecto de Semillita del Sol con la participación de 40 niños de dicha comunidad que comienzan a tomar clases de artes

manuales por un periodo de seis meses. Posteriormente la comunidad plantea la necesidad de la enseñanza primaria para los niños que hasta 1995 nunca habían tenido una enseñanza formal y es cuando se empieza a planear el programa de educación primaria y alfabetización basada en los usos y costumbres de las comunidades indígenas en Chiapas”.(Enlace Civil, 2000)

O documento além de apontar o histórico do projeto Semillita del Sol, perpassa pela necessidade das comunidades em constituir o ensino primário para as crianças, que até aquele momento não haviam tido contato com o ensino oficial. Além disso, os programas tanto da educação primária, quanto da alfabetização, se baseiam “*en los usos y costumbres de las comunidades indígenas en Chiapas*”, sendo realizada uma educação indígena, conforme as comunidades de Chiapas.

Com relação à educação zapatista, o secretário de educação, Alfredo Palacios Espinosa, foi objetivo em demonstrar que o Estado não reconhece o projeto educacional dos zapatistas quando deu entrevista ao Jornal La Jornada:

“Entrevistado durante la entrega de estímulos a personal docente y administrativo del Colegio de Estudios Científicos y Tecnológicos del Estado de Chiapas (Cecytech), Palacios Espinosa dejó claro que la postura del Gobierno estatal en torno al proyecto educativo del EZLN "no es en contra, tampoco de favorecerla". (Chamé, 2001)

Mas a indiferença é apontada nesta entrevista como a política a ser seguida, quando se trata das escolas de Chiapas.

"Nosotros no tenemos ni el interés ni el desinterés de atender eso, es decir, en la medida en que se den las condiciones, nosotros no podemos interferir ni acudir a donde no nos llaman", sostuvo.

Es que es una cuestión muy interna de ellos, en las comunidades que ellos tienen controladas, qué te puedo decir, nosotros no tenemos ahí una injerencia mayor".(Ibid)

Essa aparente indiferença serve como um dos argumentos do Secretário para que não haja o reconhecimento do Estado com relação às escolas zapatista, assim como sua estrutura, formação de professores e tão pouco a sua política e práticas educacionais.

“¿Pero se les va a reconocer esos estudios?

-Tú quieres que yo te diga que se les va a reconocer, no te puedo decir ni te puedo hablar de algo que no conozco. Lo único que yo sé es que hay un programita que se llama "semillita del sol" que aparentemente a nivel de secundarias ellos preparan algunos muchachos para su

corporativismo ideológico, pero yo no sé ni puedo juzgar qué tanto de técnica de enseñanza tenga, qué tanto de contenido de conocimientos, si sean escuelas para enseñar pura ideología zapatista, eso yo lo ignoro.

—¿Y por lo mismo entonces no hay un reconocimiento de la Secretaría de Educación?

—No, por supuesto que no. Yo no puedo reconocer lo que no conozco y además lo que no está solicitado.

Nosotros, concluyó, no podemos interferir ni para bien ni para mal, es una cuestión hecha al interior de ellos, son sus decisiones, ni nos piden opiniones ni nosotros se las damos”.(Ibdi)

Nessa reposta o secretário aponta uma crítica ao projeto *Semillita Del Sol*, o único que ele diz conhecer, como sendo um projeto educacional cunhando no “corporativismo ideológico”. O que pode ser discutido é o fato de que o não reconhecimento da educação zapatista pelo Estado, revela que as duas propostas são antagônicas.

O questionamento do Estado pelos zapatistas perpassa pela análise da condição social do povo mexicano, que está condicionada à política do Estado Mexicano. Elaboram a crítica sobre a independência mexicana e questionam se ela realmente existe, pois os sonhos e vontades de seu povo não se realizam e o sofrimento toma o lugar das realizações de uma nação, pobre e miserável:

”pregunto ¿Donde esta la independencia de Hidalgo, de Morelos, de la propia Corregidora? pues lo unico que contemplan mis ojos cuando se acercan las fiestas patrias, es el despilfarro de un pueblo que gasta como rico, cuando en la miseria teje sus sueños de grandeza y poder, entonces contemplo las miles de banderas que ondean por doquier, y miro los rostros de aquella gente morena que tras las cortinas tricolores escondo sus rostros cansados de tanto soñar, de tanto luchar, de tanto labrar el campo”.(FZLN, 2003j)

Além das grandes festas de independência não representarem, como afirma o documento acima, a verdadeira condição social e política do povo, é ainda mais difícil reconhecer os rostos do povo como de fato cidadãos mexicanos. Uma vez que a exclusão é acompanhada pela perseguição policial, à aqueles que tentam sobreviver com a venda do seu artesanato.

”Sin embargo lo más doloroso no es esto, lo más doloroso son los otros, aquellos que no tienen ni para poner un puesto de banderitas en el centro o en cualquier lugar, los otros estos, se esconden de los gendarmes, de los policias, de todos los demás, estos: Venden sus

artesanias a escondidas, con el miedo siempre latente de ser descubiertos, y por tanto de ser apresados, de ser denunciados, de ser golpeados y muchas veces de ser marginados física, emocional y espiritualmente. Sin embargo estos los mendigos mexicanos, son los representantes de nuestra cultura, de nuestros valores nacionalistas, de nuestra identidad, de nuestro ser independiente y soberano como país”.(Ibid)

Na leitura do documento, a exclusão e a perseguição aos pobres atinge não somente a condição social, mas também a física, emocional e espiritual e, justamente esses representam a cultura, valores nacionais, identidade e ainda a independência do país.

Como um país será independente, dizem eles, se seu povo não tem a liberdade de realizar seus sonhos, demonstrar sua cultura e de exteriorizar sua subjetividade e, segue sendo perseguido e torturado dentro da sua nação? Mas a independência e o contexto histórico-social seguem sendo maquiados, com estátuas, bandeiras e discursos aos turistas. Na composição dessa máscara o questionamento sobre os caminhos que a nação deveria tomar para realizar seus sonhos como sociedade, são inevitáveis e assim apontados nas cartas e comunicados zapatistas,

”Esto me hace recordar, lo siguiente en cierta ocasión aquí en la ciudad pucieron en la calle de 5 de mayo una estatua de bronce de un danzante Chichimeca, mientras que a algunos pies de distancia se encuentran dos mujeres ñaños vendiendo garros de barro con la tradicional calabaza de haloween gringa, yo me encontraba contemplando la escena, en ese instante, unos gringos, comenzaron a tomar fotografías de la estatua, y el guía de turista le hablaba maravillas de esa estatua, yo me quede pensando ¿si el dinero de esa estatua, lo hubieran repardido en las comunidades más necesitadas, tal vez no tendríamos una estatua tan grandiza y cara, pero si tendríamos un pueblo menos pobre? y me senti muy triste, pues el 6 de julio del 2000 el pueblo mexicano puso sus sueños, sus esperanzas, su vida entera, en un gobierno nuevo, en un cambio democratico, en un progreso real, sin embargo el progreso no llego, y los sueños se fueron volviendo pesadillas, y los principes cambiaron de nombre pero siguieron siendo principes, y los mendigos siquieron siendo lo que durante decadas han sido mendigos de un país llamado Mexico.” (Ibid)

Mesmo com a realização de um processo eleitoral, que elevava as esperanças e fizera surgir um sentimento de que mudanças criariam condições para se concretizar os sonhos do povo, o quadro das condições sociais se manteve e a estrutura política e social continuou a mesma e, mais uma vez a esperança se desfaz e o descrédito no governo se reafirma.

Os zapatistas desafiaram a estrutura que oprimia os povos indígenas e a população do campo de um modo geral, isso implicou numa contraposição do comando do governo mexicano que não está só nesse processo. A consequência é a ação do Estado contra aqueles que questionaram a ordem sócio-econômica e política e realizam a luta pelo processo de mudança.

“R. A. Então Marcos terá paz? O governo do México nunca perdoará a ousadia das comunidades indígenas zapatistas?”

Nosso desafio foi grande, tocou o centro do poder. Aliás, com a repercussão que os zapatistas tiveram, não só o poder mexicano nos detesta. EUA, Europa e Japão não estão nem um pouco contentes. Assim, é certo que a conta será cobrada. Como não é possível cobrar das comunidades indígenas, porque seria genocídio, então Marcos terá que pagá-la. Por isso, nunca terá paz, aconteça o que acontecer. Mesmo que se assine a paz, eu não venderia seguro de vida a Marcos. Não creio que possa regressar ao que chamamos de vida normal”.
(Revista Atenção, 1996, p. 43)

Da análise documental realizada, inevitavelmente emergiu a certeza dos zapatistas de que sua luta, não só incomoda como também afeta diretamente os mandatários do Capital Mundial. Procuramos esboçar aqui a conturbada relação entre os zapatistas e o Estado mexicano.

Bibliografia

1. Referências Bibliográficas

BUENROATRO Y ARELLANO, Alejandro. (2002). *As raízes do fenômeno Chiapas: o já basta da resistência zapatista*. São Paulo, Alfarrábio.

BUENROATRO Y ARELLANO, Alejandro & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de.(orgs) (2002). *Chiapas: construindo a esperança*. São Paulo, Paz e terra.

CHAMÉ, Nolberto. (2001). *No reconoce Gobierno estudios de escuelas zapatistas* In: La Jornada de 01.09.2001. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx>. Acesso em 25 out 2003.

DI FELICE, Massimo & MUÑOS, Cristobal. (1998). *A revolução invencível -. Subcomandante Marcos e Exército Zapatista de Libertação Nacional: Cartas e comunicados*. São Paulo, Boitempo.

GENNARI, Emílio. (2002). *Chiapas: as comunidades zapatistas reescrevem a história*. Rio de Janeiro, Achiamé.

GENTILI, P. & ALENCAR, C. (2001). *Educar na esperança em tempos de desencanto*, Rio de Janeiro, Vozes.

GILLY, Adolfo (1996), *México: el poder, el dinero Y la sangre*, D. F, Ed. Aguilar.

KRAWCZYK, Nora Rut & Wanderley, Luiz Eduardo. (2003). *América Latina: Estado e reformas numa perspectiva comparada*. São Paulo, Cortez.

LA JORNADA. (2001). La Jornada de 01.09.2001. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx>. Acesso em 25 out 2003.

LE BOT, Yvon. (1997). *Il sogno zapatista*, Milão, Ed. Mondadori.

LÖWY, Michael. (org) (2003). *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo.

PÉREZ, Fredy Martín. (2001). *Chiapas: indígenas aprendem a defender seus direitos* In: La Jornada de 26.09.2001. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx>. Acesso em 25 out 2003.

SAES, Décio. (1998). *A democracia no capitalismo*. In: *A Democracia*, São Paulo, Cortez.

Enlace Civil. (2000). *Proyecto Semillita Del Sol*. Disponível em: <http://www.enlacecivil.org.mx>. Acesso em 12 jun 2004.

Enlace Civil. (2000a). *Programa Educación*. Disponível em: <http://www.enlacecivil.org.mx>. Acesso em 12 jun 2004.

EZLN, (2002). *La Educación*. Disponível em: <http://www.ezln.org>. Acesso em: 20 dez 2002.

FZLN, 2003a. *Com alas de libertad y el fracaso educativo* de 26.06.2003. Educación Pública y Gratuita, <http://www.fzln.org.mx>. Acesso em 10 ago 2004.

_____, 2003b. *Francisco Garcia Quezada* de 03.04.2003. Educación Pública y Gratuita, <http://www.fzln.org.mx>. Acesso em 10 ago 2004.

_____, 2003f. *Proyeto para una educación pluricultural* de 06.11.2003. Educación Pública y Gratuita, <http://www.fzln.org.mx>. Acesso em 10 ago 2004.

_____, 2003g. *Escuelas de Resistencia* de 17.06.2003. Educación Pública y Gratuita, <http://www.fzln.org.mx>. Acesso em 10 ago 2004.

_____, 2003h. *Y donde quedo la reputación educativa* de 29.04.2003. Educación Pública y Gratuita, <http://www.fzln.org.mx>. Acesso em 10 ago 2004.

RAMOS, José S. (1996). *O século não podia acabar sem essa*. Revista Atenção, São Paulo, nº 8, ano 2, p.30-31.

ORTIZ, P. (1996). *Entrevista: Subcomandante Marcos*. Revista Atenção, São Paulo, nº 8, ano 2, p.41-45.

El color de la tierra: documentário sobre la lucha de las comunidades zapatistas.
Madrid, Espanha. Miradas, 2003